



Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhora e Senhores Membros do Governo

Foi Lopo de Ares, escudeiro de D. Pedro, Marquês de Vila Real, quem recebeu procuração dos moradores da Ribeira Grande para apresentar a El-Rei D. Manuel I o pedido de elevação a vila, o qual encontrando-se em Abrantes, deu despacho favorável, aos 4 dias do mês de Agosto da era de 1507, faz agora 500 anos. A Ribeira Grande foi, porém, vila durante sete meses, sem o saber ou sem receber a confirmação de que era, pois só em Março, de 1508 chegou Lopo de Ares com a boa nova e a prova dela, trazendo em mãos o alvará régio.

Com os alevantes festivos costumeiros se convocou o povo para dar largas à sua alegria, por tão grata notícia, escolhendo-se os mais capazes para governar a Câmara.

Pelas condições da terra por onde corria uma grande ribeira, cresceu depressa o seu povoado, recebendo o almejado foral que os livrou do penoso custo de demandar a capital da ilha, vindo a tornar-se rapidamente na principal de todas as vilas dos Açores. Veio depois em tanto crescimento, que se tornou na maior vila, mais rica e de mais gente que havia em todo este Bispado de Angra.

Como deixou dito Gaspar Frutuoso, a única fonte de então para nos tirar da ignorância, o qual escreveu o que ouviu alguns anos passados, “a Vila da Ribeira Grande, nobre com seu moradores, rica em suas terras, bem assombrada com seus campos e fértil com seus frutos, está situada de aquém e de além de uma grande ribeira, de que dela tomou o nome, quase no meio da ilha, em uma grande baía da banda do norte, ao pé de uma serra muito fresca (que, por estar perto da sua planície, está uma coisa realçando a outra, fazendo-a juntamente mais graciosa que muitas vilas) e a ribeira corta a vila em duas partes, de pouco tempo a esta parte, porque até ao ano mil de quinhentos e quinze não havia, da ponte à parte do poente, mais de duas casas somente.

No julgamento do cronista, aquela terra muito abundante na produção de seus campos, os moinhos dela seriam não apenas os melhores da ilha mas de todo o reino.

Não se conhecendo o seu paradeiro, Daniel de Sá procurou reconstituir o texto régio do Foral, justificando a sua outorga por parte de El-Rei venturoso, e escreveu assim: por ser tão longe da vila de Vila Franca de que até ao presente era termo e jurisdição, e por dele a ela haver assim grande distância de caminho com que os moradores recebem grande fadiga e opressão em serem a ela súbditos e sujeitos por haverem de ir cada dia tão longe pelas coisas da justiça, tiramos e desembargamos de ser do termo da dita Vila Franca e de sua jurisdição como até ora foi.

A visão do monarca foi ao ponto de lhe dar por termo uma légua ao redor, contada do pelourinho por todas as partes em redondo, ou seja uma vila cuja área ia de Rabo de Peixe até Santa Iria. Foi assim que uma pequena aldeia se tornou Vila e no final do século passado foi consagrada cidade, para orgulho de todos aqueles que amam verdadeiramente aquela terra.

Os primeiros povoadores, atraídos pela sua grande ribeira de águas caudalosas que lhe deu o nome, com moinhos destinados a cereal e mais tarde à preparação do pastel. A importância da moagem na economia local e para os rendimentos do capitão donatário, levou à construção de uma vala que, ao desviar parte da água da ribeira, permitiu a laboração dos moinhos que foram sendo construídos, constituindo-se numa verdadeira e grande indústria. Até meados do séc. XX, em que a introdução da moagem industrial significou a progressiva redução dos moinhos artesanais, a actividade moageira foi um dos suportes da vida económica da vila. A ela vieram juntar-se, aproveitando igualmente a energia hidráulica, a tecelagem do linho e da lã e já na segunda metade do século XX, a energia geotérmica, contribuindo, assim, para que a Ribeira Grande ainda hoje possua um sector industrial de notória vitalidade para a economia dos Açores.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Ao longo destes quinhentos anos, a Ribeira Grande cresceu e progrediu, fruto do labor e do espírito empreendedor e criativo da sua gente. Gente que sonhando-a, tem sabido interpretar os sentimentos e a vontade de concretizar esses ideais sonhados.

Todos sabemos que a Ribeira Grande merece mais e melhor: exigem-no as suas gentes. Apesar de todo o esforço já dispendido, tanto ainda há a fazer em todo o Concelho, no campo das estruturas da rede viária, da protecção e dignificação da frente marítima, do saneamento básico, do urbanismo, da preservação do valioso património, da educação, da cultura e dos equipamentos colectivos.

Assinalar, pois esta importante efeméride, mais do que olhar para o passado, é preciso consciencializarmo-nos da realidade presente, equacionando as suas necessidades e avançando com projectos que respondam aos anseios da população e que possam contribuir para o progresso e desenvolvimento da cultura, da educação e da qualidade de vida da população do Concelho.

Reconhecendo o querer e a determinação dos Ribeiragrandenses e, bem assim, o progresso social e económico da Ribeira Grande, a Assembleia Regional dos Açores decidiu aprovar, há 26 anos, a elevação da então vila, à categoria de cidade, concretizando uma legítima e

justa aspiração das suas gentes, facto que daqui desta tribuna saudamos, faz precisamente um ano.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Dentro de dias, iniciar-se-ão as cerimónias evocativas dos 500 anos da criação do Concelho da Ribeira Grande. Que esta breve reflexão sobre esta efeméride possa representar uma homenagem e mais um incentivo para os ribeiragrandenses continuarem a trabalhar com afinco pelo desenvolvimento sua cidade e pelo seu Concelho, procurando encontrar as melhores soluções para a concretização de objectivos fundamentais: progresso e qualidade de vida das suas gentes, numa perspectiva de futuro e de afirmação da Ribeira Grande no contexto dos Açores.

Com o seu valiosíssimo património, retratado nos bons exemplares de arquitectura civil e religiosa, após crise sismo-vulcânica de 1563, começou a aparecer em cada esquina da Ribeira Grande tamanha riqueza patrimonial que levou Luís Bernardo Leite de Ataíde a classificá-la como ‘Vila seiscentista de São Miguel’. Já em meados do século XX, pela sua forte presença arquitectónica, Carreiro da Costa haveria de chamá-la ‘vila-museu’.

A Ribeira Grande constitui, assim, nos nossos dias um conjunto urbano construído de características únicas, que aliado à sua vitalidade económica, a convertem, no contexto açoriano, num dos pólos de maior progresso desta Região.

Com uma cidade que encanta os visitantes e um centro histórico que constitui um verdadeiro cartão de visita, a Ribeira Grande é berço de tantas e ilustres personalidades, que pelo seu prestígio pessoal contribuíram para dignificar e enobrecer o seu Concelho e a sua cidade.

Graças ao poder local instituído, aquele Concelho sempre foi um dos motores de desenvolvimento da ilha, não só pelo número dos seus habitantes, mas pela sua capacidade de criar riqueza, bem como pela determinação e pela vontade de vencer das suas gentes. Importa, pois, nesta ocasião, relevar o seu importante contributo para o progresso de todas as suas freguesias e da sua vila e ser devida e adequadamente apoiado no seu processo de desenvolvimento.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Volvidos 500 anos, a capital do norte é hoje um dos mais importantes aglomerados dos Açores e um dos maiores Concelhos da nossa Região, com características muito peculiares, beneficiando, ao longo destes 5 séculos, de um processo de desenvolvimento sustentado, onde vivem

cerca de 30 mil habitantes, em 14 freguesias, na costa norte da ilha de S. Miguel, sempre com os olhos postos no futuro, sem nunca esquecer o seu glorioso passado.

Não se pode ficar indiferente também ainda ao jubileu do Foral da Ribeira Grande e devemos, por isso, congratularmo-nos por mais esta efeméride, e que estas comemorações possam constituir mais uma oportunidade de exaltação e de afirmação da Ribeira Grande no contexto dos Açores. Por isso, daqui saudamos todos os seus cidadãos, de uma ponta à outra do Concelho, por intermédio dos legítimos representantes autárquicos desta importante parcela da nossa Região Autónoma, em ocasião tão festiva e mobilizadora e de grande alcance cultural e social para os ribeiragrandenses, quer vivam no Concelho, quer labutem noutras partidas do mundo, também relevante para os açorianos e para os Açores.

Assinalando-se os 500 anos da criação deste Concelho, o passado dá as mãos ao presente e aponta na direcção do norte, para que a força e o sonho dos ribeiragrandenses seja a mole da forja de um futuro cada vez mais risonho e mais digno para cada um dos seus habitantes.

O sucesso do desenvolvimento da Ribeira Grande é o sucesso da Autonomia e dos Açores.

Disse.

António Pedro Costa

